

o elmo, de um espírito taumaturgo chamado Buer, em Londres, e que em outra ocasião um pelotão de demônios semimaterializados passara a noite marchando pelos seus aposentos. Na Escócia, a residência e a área ao redor da mansão Boleskin ficaram apinhados de formas sombrias, o jardineiro enlouqueceu e tentou assassinar a mulher e os filhos, e o quarto de Crowley ficava tão escuro enquanto tentava copiar símbolos mágicos que ele tinha de usar luz artificial, mesmo com sol radiante do lado de fora.

Depois da intriga com Yeats — que, segundo Crowley, estava “cheio do mais negro e bilioso ódio” porque Crowley era melhor poeta do que ele —, o Lorde de Boleskin foi para o México, onde, com sua força de concentração, quase fez desaparecer do espelho a própria imagem. Esse fato em si esclarece bastante o que pretendia Crowley: descobrir novos horizontes da vontade. O que, por sua vez, provoca a pergunta: Nesse caso, por que ele precisava da *magia*, se os efeitos eram produzidos pela vontade? E a resposta reforça o argumento principal deste livro. A vontade não pode operar *in vacuo* — ao menos, exceto em certos momentos de pura autoconsciência. Ela precisa de todo um palco de teatro, de convicção, de finalidade. Quando um patriota fala de seu país, não se refere à visão que se tem da janela do banheiro, embora esta certamente também represente parte do país. Para conseguir o necessário brilho patriótico, precisa ter em mente o pavilhão nacional, acompanhado de uma imagem definida de campos verdejantes ou alguma batalha do passado. Quando Crowley se encontrava sozinho em seu quarto na Cidade do México, não era suficiente fitar o espelho e desejar; tinha de pensar na grande “doutrina secreta” da magia, vendo a si mesmo como um “forasteiro” solitário de olhos fitos nas estrelas, e com um objetivo bastante definido: estabelecer contato com o Anjo-da-Guarda, como Abra-Melin, o Mago, fizera antes dele. Pelo mesmo motivo, escolheu uma prostituta por causa da “insaciável intensidade de paixão que rutilava de seus malévolos olhos inescrutáveis”, que haviam “torturado sua face abatida, plena de pecados tentadores”. Como a pobre mulher vivia num cortiço, é mais provável que seu aspecto se devesse apenas à fome, mas a imagem da “mulher escarlata” era importante para definir claramente a *auto-imagem* de Crowley — o explorador de Nietzsche, distanciando-se em sua marcha do cálido acampamento da humanidade, em direção à fria vastidão do misterioso universo. E como ele gostava de personificar a Besta do Apocalipse, então uma megera meio faminta — sem dúvida católica fervorosa e mãe afetuosa — tinha de ser a grande meretriz da Babilônia. No entanto, o que se deve notar é que isso *funcionava*. Com toda sua absurda gesticulação à Swinburne, conseguia captar a vontade fluida e evitar que ela se perdesse sugada na areia do esquecimento e da autodepreciação. Este era o objetivo.

“Enquanto isso, minha condição de mago deixava-me em situação estranhamente desconfortável. O que eu conseguia ultrapassava todas as minhas expectativas. No ar puro e seco do México, com sua energia espiritual nem exaurida nem contaminada como nas cidades grandes, era extraordinariamente fácil obter resultados satisfatórios. Mas exatamente o meu sucesso de certa forma me desalentava. Eu conseguia o que imaginava querer, e o êxito em si mostrava-me que eu pretendia algo inteiramente diferente. Mas não me mostrava o que poderia ser isso. Minha aflição aguçada (. . .)” Transmitiu um “pedido urgente de socorro aos Mestres”, e uma semana depois recebeu uma carta de George Jones que continha exatamente aquilo de que precisava. Pode-se ver que sua “busca” diferia da busca de qualquer místico cristão ou oriental somente na forma; ele se encontrava realizando a mesma viagem para fora. Ao invés dos *Upanishads*, do de *The Cloud of Unknowing*, estudava a *Kabalah* com sua noção de universo como dez esferas ligadas por 22 caminhos. Um cético pode encolher os ombros, mas seria isso mais absurdo do que acreditar que Jesus morreu pelo pecado de Adão, ou que Maomé é o profeta de Deus? Os “resultados” alcançados por uma religião não se baseiam na verdade *apodíctica* de seus dogmas, mas os dogmas são indispensáveis para se conseguir os resultados, e estes são reais.

O vigésimo quinto capítulo de *Confessions* — onde todo este assunto é tratado — não deixa dúvidas quanto à sinceridade de Crowley ou à realidade de seu sofrimento; ele não era movido pelo exibicionismo, mas por um *obsuro anseio de realidade*. Por estranho que pareça, foi seu antigo companheiro de montanhismo, Eckenstein, quem pôde apontar-lhe o passo seguinte. Aconselhou-o a abandonar a magia, e a simplesmente desenvolver um imenso poder de concentração. Rapidamente viu que o problema de Crowley ainda era a fluidez de sua vontade e o sentido de identidade. E deve-se atribuir ao próprio Crowley a decisão de seguir de imediato a sugestão de Eckenstein, passando meses numa prática que resultou em Yoga.

Seguiu-se, então, mais um período de montanhismo — com a escalada do Popocatepetl —, viagens a San Francisco e depois Ceilão, e um caso com uma mulher casada que resultou em livro, *Alice, An Adultery*. No Ceilão, encontrou seu amigo íntimo Allan Bennett, estudioso do budismo e companheiro dos tempos da Ordem da Aurora Dourada; a generosidade de Crowley é que fora responsável pelo envio de Bennett ao Ceilão. Posteriormente, Bennett foi o fundador do movimento budista na Inglaterra, sendo uma das poucas pessoas de quem Crowley gostava efetivamente. Passou meses a ensinar a Crowley tudo o que sabia do misticismo oriental, e após meses de controle do pensamento com Eckenstein, a coisa toda resultou como revelação. É extremamente interessante que Crowley, falando desse período, ressalte a importância de uma abordagem científica do misticismo. “Uma única idéia não analisada pode (. . .) co-